

Crônicas de Cinzas

Fagulha

Paulo Bayer

Prólogo

A acalorada noite daquele último ciclo seria lembrada de diversas maneiras.

Os eventos ocorridos na grande cidade de Rubira seriam vistos pelos pobres como uma das maiores tragédias já presenciadas, pelos ricos como um episódio lamentável, e pela nobreza como uma oportunidade para agir e recuperar sua popularidade. Trovadores comporiam sobre a grande ironia do momento em que as ruas reluziram com a mesma cor e intensidade dos lustrosos rubis que traziam tanta riqueza à cidade.

Para um observador nas distantes montanhas, por toda a noite pareceria que o lugar havia sido transformado neste raro minério escarlata, devido ao brilho avermelhado que emanava de cada casa, armazém e edificação. Algum bêbado andarilho certamente correria em direção ao incêndio, supondo se tratar de um festival de luzes, apenas para se defrontar com o calor de dentro das muralhas de Rubira. Um calor que consumia vigas, derretia praças e devorava pessoas.

Toda a área suburbana ardia em chamas. Ninguém fazia ideia de como o incêndio havia começado e como se espalhara tão rapidamente. Deveria ser uma noite fria daquele ciclo. Porém, ao contrário do esperado, o fogo dos destroços era forte a ponto de derreter o granito das calçadas.

Em meio aos gritos de dor e tentativas frustradas de se manter a calma, a confusão era tão grande que as autoridades já haviam desistido de controlar a situação. O esforço para uma evacuação falhara. A primeira ideia fora dirigir a população mais afetada para a muralha interior — uma área segura e luxuosa da cidade, onde o fogo não havia chegado. Revoltadas pela balbúrdia, as famílias abastadas trancaram os portões e convocaram sua guarda pessoal, impedindo que qualquer pobre medíocre e ladrão oportunista se refugiasse para dentro de suas ruas e aposentos.

Incrédulos com as atitudes dos mais ricos extratores de rubi e tomados pela dor das perdas, junto ao pavor do fogo se aproximando às suas costas, a plebe se revoltou. Forçando as grades para invadir a muralha interna, todos se tornaram agressivos, resultando rapidamente em um bando que tentava derrubar os portões de metal, espancando guardas e roubando suas armas. Vítimas ensanguentadas e inconscientes surgiram em meio ao descontrole. Logo, os corpos caídos dos feridos se tornaram indistinguíveis dos mortos.

Assim que a confusão teve início, os guardas de patrulha precisaram escolher um lado na briga. A maioria esmagadora preferiu proteger os ricos e poderosos, restando poucos que ainda tentavam salvar a gente ordinária de Rubira. Em pouco tempo, esses também precisaram correr às pressas para o fogo voraz, tendo que fugir dos golpes de espada, lanças e coronhadas.

Sem uma segunda solução e abismados pelo rumo que as coisas haviam tomado, os guardas que voltaram para as ruas da cidade não eram mais de

nenhuma ajuda. Em número reduzido, eles se desesperavam e morriam, encurralados pelas chamas. As saídas estavam cada vez mais banhadas em fogo.

Não se sabe ao certo se os ricos se arrependeram de ter trancado os portões, principalmente quando o cheiro de cadáveres queimando entrou por suas janelas, à medida que os corpos eram cremados em frente à muralha interna. Boatos surgiram de que a fragrância pútrida se grudou às roupas e impediu a aristocracia de dormir nas noites seguintes.

Mancando devido a um corte de espada em sua panturrilha, um dos últimos guardas errantes ainda procurava sair daquele labirinto escarlate. Ele tentara salvar as pessoas. Falhara. Fora chamado de traidor e atacado por seus próprios colegas. Agora, procurava por um jeito de não ser consumido pelos destroços flamejantes e por um refúgio não-inflamável.

Os músculos de sua perna esquerda perdiam os últimos resquícios de força. Sangue escorria e deixava um largo rastro pelo chão. Sua vontade de viver se esvaía. Preparando-se para aceitar seu destino, escutou um choro distante. O choro de mais uma vítima daquela tragédia. O choro de uma criança que não possuía a mínima capacidade de se salvar.

Mas talvez essa não precisasse. Talvez, só talvez, poderia não morrer em vão e salvar ao menos uma vida inocente. Tomado por um ímpeto derradeiro, caminhou até os destroços e o que encontrou foi uma criança loura, nua, com cerca de um inverno de idade e banhada em chamas. Estranhamente, não chorava por terror ao fogo. Na verdade, nem parecia percebê-lo. Chorava porque estava sozinha, procurando por alguém com grandes olhos lacrimejados.

Com o ferimento aberto e no limiar da consciência, chamou a atenção da criança. Sentindo confiança no pobre guarda, o pequeno ser engatinhou sobre farpas chamuscadas e cruzou o calor abrasante como se não fosse nada. A visão do guarda se tornava embaçada e seus pensamentos se confundiam em um turbilhão infernal. Mesmo assim, percebeu que o bebê lhe alcançara e o cobriu com o linho pesado de sua capa.

Enrolada no tecido, a criança abriu um sorriso de poucos dentes. Incapacitado pela fadiga, o homem se deitou no chão protegendo o pequeno com seu próprio corpo, tentando criar uma cobertura caso algo caísse sobre os dois. Ajeitou a criança para que pudesse respirar e, antes de ser derrotado pelo cansaço, enxergou nos olhos daquela pequena forma de vida um fogo que ardia mais quente que a própria cidade.

Na manhã seguinte, surpreso por estar vivo junto de seu companheiro, o guarda encarou as ruínas do que fora — até a última noite — uma das cidades mais ricas de todo o mundo, transformada em vigas e destroços parcialmente acesos.

Respirando pesadamente com fumaça em seus pulmões, ele lembrou os eventos que ocorreram na noite anterior. O fogo. Os mortos. Os portões

trancados. Os gritos. O desespero e, principalmente, o corpo da criança em chamas.

Antes de ser executado como traidor, acusado de ter fomentado uma revolta e tentado assassinar os poderosos da cidade; ainda antes de ser apontado como um dos responsáveis pela morte de dezenas de milhares por sua insubordinação durante o Grande Incêndio; dizem que o guarda apenas conseguia gritar e espalhar boatos sobre o suposto Filho do Demônio que havia salvo.

~

*“Tomais cuidado com a Escuridão,
pois o Filho do Demônio é traiçoeiro.
Ele há de vir ao vosso mundo, trazendo
consigo mal, trevas, caos sobre a terra.
Deverás então encontrar-se digno. Puro.
Só assim trarei minha bênção
sobre vossas cabeças.”*

Livro da Luz. Águas Púrpuras. Diálogo I, versículos: 57-60.

~

1. Filho do Demônio

As consequências do Grande Incêndio foram terríveis.

Desconsiderando as enormes pilhas de corpos que precisaram ser recolhidas, um grande problema social foi gerado. Milhares de crianças ficaram órfãs. Os adultos que perderam tudo precisaram recomeçar a vida no campo. Tornar-se um miserável pedinte não era uma opção, já que todos sabiam o que acontecia aos ratos de rua. Porém, os órfãos não tiveram o privilégio da escolha.

Dentro da cidade, as poucas instituições de abrigo foram destruídas. Assim, algumas dúzias de menores foram adotadas pelos aristocratas — os mesmos que se arrependeram de ter fechado os portões. Os demais foram, em sua maioria, deslocados para a cidade vizinha.

Todavia, esse não foi o caso de Daniel e seus irmãos. Como fizeram certos donos de mineração, algumas famílias fazendeiras adotaram crianças que poderiam servir de mão de obra. O velho que os adotara, Francisco, era viúvo e não possuía filhos. Tendo uma boa relação com autoridades locais e uma recomendação singular, ele conseguiu a responsabilidade por sete órfãos. Era um número acima da média, mas não foi um problema, pois todos estavam em uma idade que não necessitavam de sustento materno.

Anna, Augusto, Catherine, Daniel, Jhoser, Jonas e Marcos. Esses eram os nomes dos que vieram a ser adotados por Francisco. Enquanto cresciam, surgiram apelidos, como normalmente é esperado de crianças. No entanto, um deles sempre levou a vida à sombra da alcunha que recebera quando bebê.

Daniel, o Filho do Demônio.

Em uma não tão longínqua época, ele havia tido dificuldade para encontrar uma família devido às histórias que o circundavam. Nascido do Fogo. Encarnação do Incêndio. Supersticiosos se perguntavam como alguém tão novo poderia ser tão perigoso quanto o guarda traidor alertara. Sua aparência em nada remetia ao Grande Mal. Ele não era corcunda. Não possuía cauda nem unhas compridas. Seu cabelo não era um véu de escuridão. Pelo contrário, Daniel era um menino louro de olhos verdes. Enquanto alguns o chamariam de magro e outros de mediano, certamente não era o que uma cozinheira afetuosa chamaria de saudável. Todos que possuíssem algum resquício de racionalidade perceberiam que havia tanto perigo nele quanto em qualquer pessoa. Porém, o misticismo falava mais alto com a gente comum.

Já o velho Francisco sempre fora alguém com a razão em seu lugar. Antes que realocassem o bebê indesejado para longe dos boatos, ele havia decidido acolhê-lo. A única coisa que pedia para seus novos filhos, após terem crescido, era que se tratassem como uma família, que fossem irmãos e irmãs e trabalhassem juntos para o sustento geral.

Essa seria a história de uma família feliz, se dois dos irmãos ainda estivessem ali e a relação dos demais não fosse consumida por rancor, ódio e amargura.

[...]